



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

YASMIN SOUZA DE OLIVEIRA

**PAPO DE CHUTEIRA E BATOM: UMA ANÁLISE DAS HIERARQUIAS DE
GÊNERO DENTRO DOS ESPAÇOS DE FUTEBOL DO BRASIL**

SALVADOR-BA

2024

YASMIN SOUZA DE OLIVEIRA

PAPO DE CHUTEIRA E BATOM: UMA ANÁLISE DAS HIERARQUIAS DE
GÊNERO DENTRO DOS ESPAÇOS DE FUTEBOL DO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação com habilitação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia para obtenção de nota como requisito parcial à aprovação do título de jornalista.

Orientação: Profa. Dra. Graciela Natansohn

SALVADOR-BA

2024

**PAPO DE CHUTEIRA E BATOM: UMA ANÁLISE DAS
HIERARQUIAS DE GÊNERO DENTRO DOS ESPAÇOS DE FUTEBOL
DO BRASIL**

Yasmin Souza de Oliveira

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____

Profa. Dra. Leonor Graciela Natansohn
Universidade Federal da Bahia

Avaliador externo: _____

Prof. Dr. Washington José de Souza Filho
Universidade Federal da Bahia

Avaliadora interna: _____

Profa. Natacha Stefanini Canesso
Universidade Federal da Bahia

NOTA: _____

Aprovada **Aprovada com restrições** **Reprovada**

Prof. Dr. Leonardo Costa

Diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia

Salvador, 30 de agosto de 2024

BAHIA - BRASIL

2024



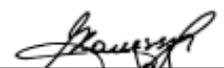
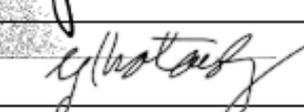
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO

Salvador, 30/08/2024 às 16:00

Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Papo de chuteira e batom: uma análise das hierarquias de gênero dentro dos espaços de futebol”, de autoria de *Yasmin Souza de Oliveira*, sob orientação de *Leonor Graciela Natansohn*, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por *Natacha Stefanini Canesso* e *Washington José de Souza Filho*.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	10,0	
Examinador(a) 2	10,0	
Orientador(a)	10,0	

Média final (valor numérico): 10,0

Média final (por extenso): dez

DEDICATÓRIA

Para Álvaro e Eunice,

*Obrigada por abrirem minhas asas para voar e pousar no futebol, a vista da
Fonte Nova nunca foi tão linda quanto no dia da inauguração.*

AGRADECIMENTOS

Não foi uma caminhada tranquila e muito menos simples, quando o apito inicial aconteceu nem eu mesma imaginava o rumo que essa pesquisa iria me levar, mas admito que descobri diversas novas facetas de mim mesma e de uma área que sou tremendamente apaixonada no Jornalismo.

A minha mãe, Jaqueline, que mediou (quase) todo o meu aprendizado e esteve ao meu lado durante cada fase, desde pequenas orientações ou apenas dando uma força, e pelo seu amor incondicional.

Ao meu pai, Sérgio, que mesmo sem compreender totalmente a pesquisa ainda vibrou em cada etapa, escutou pacientemente cada fato histórico descoberto e passou incontáveis horas discutindo sobre futebol comigo.

Aos meus avós, Eunice e Álvaro, que mesmo não estando mais hoje comigo, estiveram sempre me mostrando seu amor por esse esporte (e pelo Esporte Clube Bahia) que me incentivou a fazer esta linha de pesquisa.

A minha orientadora, Graciela, por entrar nessa partida sem aquecimento e por me guiar durante essa jornada.

Aos professores que concederam a honra de participar da minha banca e contribuir na realização deste sonho de ser jornalista.

A Universidade Federal da Bahia por propiciar o ambiente de crescimento acadêmico e profissional, além de me apresentar pessoas incríveis que eu pude dialogar ao longo do caminho.

A todos que direta, ou indiretamente, me ajudaram a alcançar esse sonho, pois como diz Lagum, “eu tenho vinte e poucos anos e não vou parar aqui”. Serei sempre grata a vocês por me apoiarem durante este processo e escutarem cada uma das conquistas, lamentações, dúvidas e incertezas.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar e mapear, através de documentos, artigos científicos, imagens e reportagens, as dificuldades, motivações e conquistas de mulheres que ocupam e ocuparam locais de poder dentro dos espaços de futebol no Brasil. Para tanto, através de um marco teórico baseado na história do futebol feminino a partir da sua chegada em território brasileiro, verificamos como as hierarquias de gênero afetaram o crescimento da ocupação feminina nestes espaços e de que forma o histórico machista e ditatorial envolvendo a modalidade afeta as gerações de mulheres que atualmente ocupam certos espaços de poder no esporte. Após análise das informações, foi constatado que o preconceito — seja de gênero ou pela falta de incentivo — é recorrente entre os empecilhos enfrentados durante a jornada das mulheres em sua ocupação, além de elucidar, a partir da história do futebol feminino no Brasil, como elas conseguiram a retomada do seu devido espaço na modalidade e como podemos aprender com os erros do passado para crescer no campo do futebol.

Palavras-chave: futebol de mulheres; feminismo; jogadoras de futebol; técnicas femininas de futebol; árbitras mulheres de futebol

ABSTRACT

This monograph aims to analyze and map, through documents, scientific articles, images and reports, the difficulties, motivations and achievements of women who occupy and have occupied places of power within soccer spaces in Brazil. To this end, using a theoretical framework based on the history of women's soccer since its arrival in Brazil, we looked at how gender hierarchies have affected the growth of women's occupation of these spaces and how the macho and dictatorial history of the sport affects the generations of women who currently occupy certain spaces of power within the sport. After analyzing the information, we found that prejudice — be it gender-based or due to a lack of encouragement — is a recurring factor among the obstacles faced by women in their occupation of the sport, as well as elucidating, based on the history of women's soccer in Brazil, how they managed to regain their rightful place in the sport and how we can learn from the mistakes of the past in order to grow in the field.

Keywords: women's soccer; feminisms; female players; female soccer coaches; female soccer referees;

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	10
2.	Marco teórico-metodológico: O apito inicial da pesquisa.....	13
2. 1.	Tipo de Pesquisa	13
2. 2.	Estratégias metodológicas de pesquisa	14
3.	Marco teórico: Ser ou não ser feminino? A trajetória da mulher no esporte.....	16
3.1.	Historicamente reprimidas dentro e fora de campo	20
3. 1. 1.	O início do esporte.....	20
3. 1. 2.	O início da proibição	21
3. 1. 3.	O retorno após a proibição.....	23
3. 1. 4.	O início do destaque do futebol de mulheres e as grandes competições ..	24
4.	Resultados da pesquisa: repressão dentro e fora dos campos.....	28
4.1.	Dentro do campo	28
4. 1. 1.	Árbitras	28
4. 1. 2.	Técnicas	29
4. 1. 3.	Gestoras de equipe.....	31
4. 1. 4.	Jogadoras	33
4. 2.	Fora do campo.....	41
4. 2. 1.	Torcedoras	41
4. 2. 2.	Jornalistas	42
5.	Considerações finais	47
6.	Referências	49

1. Introdução

Um esporte de origem inglesa, mas que faz parte da identidade internacionalmente conhecida do Brasil. A música e a comida ainda buscam alcançar o patamar do esporte que coroou brasileiros como a sua realeza, títulos de honra dados para os jogadores e jogadoras que conquistaram feitos históricos em suas posições. Eleito como o atleta do século, Pelé¹ é conhecido mundialmente como o Rei do Futebol e Marta², como a Rainha do Futebol; ela se tornou a maior artilheira em Copas do Mundo, entre homens e mulheres. Além deles também temos os imperadores da modalidade, Adriano³ e Sissi⁴.

Jogadores e jogadoras se tornaram destaque dentre o espaço futebolístico, ao mesmo tempo em que outros profissionais brasileiros como jornalistas, médicos, fisioterapeutas, torcedores e juízes tomam conta das maiores ligas esportivas, torcidas organizadas, clubes e redes televisivas internacionais e nacionais. O futebol brasileiro move o mercado de transferências entre clubes há anos, com seus atletas destaques sendo trocados entre os times, técnicos sendo contratados e profissionais de comunicação sendo patrocinados para falar sobre o esporte, no entanto o aumento da presença feminina dentro de um espaço predominantemente masculino é o que está chamando a atenção.

A pesquisa traz um tema atual que busca forçar uma reflexão como os papéis de gênero dentro da sociedade brasileira influenciam a participação feminina em locais de poder hegemonicamente masculinos, principalmente quando recortamos essa realidade para o

¹ Nascido em Três Corações, Minas Gerais, Edson Arantes do Nascimento era mais conhecido como Pelé e atuou como atacante até sua aposentadoria em 1977. É descrito como "Rei do Futebol" e é amplamente considerado o maior atleta de todos os tempos por ter sido eleito em 2000 como o Jogador do Século pela Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS) e Atleta do Século pelo Comitê Olímpico Internacional.

² A alagoana Marta Vieira da Silva é uma futebolista brasileira que atua como ponta-esquerda ou meio-campista. Atualmente ocupa a posição no Orlando Pride, dos Estados Unidos, mas foi eleita pela Fifa a melhor jogadora do mundo por seis vezes, sendo cinco consecutivas e é a maior artilheira da seleção brasileira - masculina e feminina, o que conquistou o título de Rainha do Futebol. Além de ter lançado a marca Go Equal onde defende a equidade de gênero no esporte, a linha tem todos os royalties de vendas revertidos para o apoio de entidades e iniciativas que apoiam o protagonismo feminino no futebol.

³ Nascido no Rio de Janeiro, Adriano Leite Ribeiro ou mais conhecido como Adriano Imperador é um ex-futebolista brasileiro que atuou como centroavante. Foi um grande ídolo do Flamengo e era conhecido por sua força física, qualidade técnica, além da potência na perna esquerda, Adriano foi um dos melhores atacantes do mundo em meados da década de 2000. Enquanto passava temporadas na Itália com as camisas do Parma e da Internazionale, ganhou o apelido de L'Imperatore (Imperador). Também foi considerado sucessor de Ronaldo Fenômeno após sua estreia na Seleção Brasileira.

⁴ Natural de Esplanada na Bahia, a ex-jogadora Sisleide do Amor nasceu durante o Decreto-Lei 3.199 e começou sua jornada no futebol com cabeças de boneca que eram utilizadas como bolas de futebol e jogando bola na rua com os meninos. Sissi foi integrante do time do clube pioneiro E.C. Radar e esteve com a Seleção Brasileira Feminina desde o seu início em 1986, onde o time terminou em terceiro, após perder nas semifinais para a Noruega até 2000. A ex-jogadora foi a primeira mulher a vestir a camisa de número dez na Seleção e já atuou como técnica nos Estados Unidos.

esporte amplamente conhecido como parte identitária do Brasil. Desta forma, trazendo uma abordagem analítica com um mapeamento dos marcos e pioneirismos das mulheres dentro do esporte em território brasileiro.

A história do futebol feminino, ou futebol de mulheres, nunca poderá ser retratada apenas como uma manifestação do esporte devido a carga histórica e política que carrega dentro de si, junto da necessidade de igualdade existente neste, pois desde o seu início a prática do futebol realizada por mulheres e a presença destas mulheres nos espaços de futebol espelhou as possibilidades de ocupação dentro e fora desse esporte, ao lado da luta feminina pelo reconhecimento do seu papel na sua prática. Desta forma, para Goellner (2005, p. 150),

[...] se tratando de um país como o Brasil, onde o futebol é discursivamente incorporado à identidade nacional, torna-se necessário pensar, o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar, mas, sobretudo, a ressignificar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço é também seu. Um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades. (GOELLNER, 2005, p. 150)

Enquanto data-se que a chegada do futebol no Brasil tenha sido em 1875, a primeira partida entre mulheres ocorreu apenas em 1921, na zona norte de São Paulo e a primeira mulher a trabalhar como técnica de futebol, conforme elucidado em reportagem do Uol de 2017, surge em 1987, Helena Pacheco.

Em uma sociedade onde os padrões de gênero são questionados a todo o momento, dentro dos espaços de futebol ainda se vê a exigência de a mulher ser feminina em campo e fora dele. A forte imposição de que a mulher esteja dentro ou completamente fora deste padrão ainda parece estar presente na modalidade, e talvez este tenha sido o motivo do futebol feminino ter começado como um espetáculo para “aquecer” a torcida para os times masculinos.

O futebol feminino brasileiro necessita ter os mesmos direitos que a modalidade masculina. Isso significa investimentos financeiros significativos, interesse dos meios de comunicação e de clubes que incentivem a prática, adoção de um mecanismo de incentivo pelos órgãos dirigentes (Federações e Confederações), adequação do sistema competitivo à mulher, valorização profissional das praticantes, entre outros; estes são fatores determinantes para o sucesso dentro de uma modalidade esportiva. A Copa do Mundo Feminina de 2023, realizada na Austrália e Nova Zelândia, distribuiu o prêmio recorde de 110 milhões de dólares

para a seleção da Espanha, o que representou um aumento de quase 300%⁵ em relação ao valor distribuído em 2019. No entanto, o valor do prêmio foi 25% dos 440 milhões de dólares da premiação na Copa do Mundo Masculina em 2022, realizada no Catar. Ademais, acrescentado os rótulos historicamente construídos, não basta que as mulheres sejam boas no que fazem, elas precisam estar belas e femininas enquanto fazem.

Ao pesquisar sobre o local de poder da mulher dentro dos regimes hierárquicos de gênero existentes no futebol, estaremos diante de um reflexo da sociedade. O título “Papo de Chuteira e Batom” foi escolhido em homenagem a mensagem de representatividade e igualdade dada pela jogadora Marta durante a Copa do Mundo de 2019. A realização desta monografia se justifica ao trazer visibilidade para a falta de presença feminina dentro de um espaço que é aclamado pelo país e mundo inteiro, menos quando focamos no feminino, além de trazer a visão da parcela feminina dentro dos espaços de futebol para a sociedade brasileira. Com o objetivo de observar a maneira como a hierarquia de gênero age diretamente neste recorte, identificamos as dificuldades enfrentadas por elas ao ocupar seus merecidos locais de poder.

É importante salientar a busca pela visibilidade destas conquistas femininas dentro do futebol e pela exposição de como o local de poder da mulher dentro dos espaços futebolísticos ainda é algo frágil, podendo ser transformado em algo proibido, como foi durante o Decreto-Lei 3.199 baixado pelo ex-presidente Getúlio Vargas no dia 14 de abril de 1941. Além de evidenciar as dificuldades enfrentadas por elas dentro destes ambientes, como acontece regularmente com as atletas, pois “em pleno século XXI, a vida da atleta brasileira é plena de percalços e obstáculos em suas trilhas na direção uma prática esportiva saudável e livre de preconceitos e discriminações” (SOUZA, J.S.S.; KNIJNIK, J. D.; 2016, p. 45).

A presença de mulheres dentro do futebol incomoda, trazendo memórias de uma época ditatorial, onde elas eram proibidas de jogar e eram marginalizadas quando ousaram jogar após a revogação do Decreto-Lei 3.199, baixado pelo ex-presidente Getúlio Vargas no dia 14 de abril de 1941 que determinava a proibição de mulheres na realização de esportes de contato. Diferente do time masculino, só tivemos duas camisas dez na história da Seleção Brasileira, assim a marca machista em nossa sociedade é explorada e exposta a cada vez que mencionamos a história do futebol brasileiro feminino, trazendo à tona um reflexo da

⁵ A premiação de primeiro lugar em 2023 foi equivalente a 110 milhões de dólares, o que foi dividido entre jogadoras, comissões técnicas e também federações nacionais. Em 2019, o valor chegava a 4 milhões de dólares.

sociedade pouco mencionado pelas inúmeras tentativas de apagamento que as mulheres sofrem dentro do esporte.

O mapeamento realizado para que esta pesquisa fosse construída traz a história da mulher dentro do futebol como uma forma de justificar e elucidar a importância de tomar os lugares de poder nos espaços futebolísticos brasileiros descrita nos capítulos a seguir. O foco principal é expor os locais que podem ser e são ocupados por mulheres, além de mostrar como foi possível chegar nesta posição e para isso é necessária uma viagem no tempo. A justificativa da importância dessa retomada dos lugares de destaque no campo esportivo do Brasil é mostrada ao longo dos mesmos, trazendo problemas cotidianos enfrentados pelas mulheres enquanto tentam ocupar aquelas mesmas posições de destaque ocupadas por homens, principalmente quando recortamos essa abordagem para dentro e fora do campo com jogadoras, árbitras, técnicas, gestoras de equipe, jornalistas e torcedoras.

Desta forma, esta monografia busca mostrar o lugar da mulher dentro da modalidade esportiva e maneiras de valorizar a presença delas no futebol, seja nos campos, nos bastidores ou nas arquibancadas, algo essencial para o mapeamento que se tornou base para os resultados. Mesmo que a ressignificação do papel da mulher dentro do futebol seja um processo que ainda está ocorrendo no Brasil, nesta pesquisa é possível entender o cenário atual da ocupação feminina nos espaços de poder do futebol, ao mesmo tempo em que se observam as constantes evoluções com o passar do tempo, conforme foi feita a análise de conteúdo de reportagens, documentos, fotos e artigos.

2. Marco teórico-metodológico: O apito inicial da pesquisa

Nesta seção, serão apresentadas as categorias da análise teórica e a metodologia adotada para a realização da pesquisa, descrevendo as estratégias utilizadas para coleta, análise e interpretação dos dados. A metodologia escolhida buscou fornecer um roteiro claro e sistemático que orientou a condução do estudo que gerou esta monografia.

2.1. Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Considerando esses aspectos, foi feito um mapeamento temático das questões mais significativas do campo do futebol e do local de poder das mulheres guiado por duas categorias-base como metodologia base. O mapeamento foi dividido em ‘dentro do campo’,

com subcategorias de árbitras, técnicas, jogadoras e gestoras de equipe, e ‘fora do campo’, com as subcategorias de torcedoras e jornalistas.

A escolha baseia-se na necessidade de compreender e explorar em profundidade o tema, bem como descrever as experiências, dificuldades e perspectivas das mulheres que trabalham no meio do futebol, além de fornecer uma visão abrangente e rica sobre o tema de pesquisa, permitindo a compreensão das complexidades e nuances do fenômeno estudado. Foram selecionados artigos de pesquisadoras e pesquisadores relevantes para a área, como Silvana Goellner e Ana Carolina Vimieiro para embasar diversos pontos da discussão, além da utilização de reportagens de veículos como Globo Esporte, Dibradoras e SporTV, e fotos encontradas nestes portais de notícias, documentários e redes sociais para ilustrar a pesquisa, tudo devidamente reportado nas referências bibliográficas.

2. 2. Estratégias metodológicas de pesquisa

A pesquisa teve o objetivo de compreender em profundidade o lugar de poder da mulher dentro do futebol e as experiências das mulheres presentes nesse meio, procurando conhecer o lugar das mulheres dentro e fora do campo. Conforme o mapeamento foi sendo feito, a pesquisa foi enriquecida pela *expertise* de mulheres que atuam em diversas áreas do futebol e justificou a necessidade da visibilidade aos desafios enfrentados por elas diariamente. Foram adotadas as seguintes estratégias:

- **Análise de bibliografia:** Foi feita uma busca em artigos, livros, documentários e notícias relacionadas ao futebol e a presença feminina nestes espaços para que pudesse ser realizada uma análise. Tal seleção forneceu informações para contextualizar e enriquecer a exploração da perspectiva feminina, desafios enfrentados, conquistas e contribuições para o futebol, além da definição de como o mapeamento seria dividido na monografia;
- **Interpretação dos dados:** As categorias temáticas foram interpretadas à luz das questões da pesquisa e dos objetivos. Foram identificados padrões, tendências e insights relevantes que contribuíram para a compreensão do fenômeno em estudo.
- **Mapeamento das informações:** Após toda o levantamento e análise de conteúdo, ele foi dividido em duas categorias e subcategorias para que fosse

elucidado a buscado lugar das mulheres dentro e fora do campo e seu crescimento conforme a linha temporal fosse ocorrendo.

3. Marco teórico: Ser ou não ser feminino? A trajetória da mulher no esporte

As barreiras de gênero são constantemente questionadas, ao mesmo tempo, em que a imposição da suposta feminilidade no futebol é exigida. “Pois, para enfrentar as disputas existentes no espaço do futebol brasileiro, é prerrogativa que as mulheres futebolistas tenham além de talento, resiliência” (SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W.; 2016, p. 310).

As mulheres dentro do futebol tentam ocupar um espaço que se iniciou masculino e devido ao decreto ditatorial nomeado Decreto-Lei 3.199, baixado pelo ex-presidente Getúlio Vargas no dia 14 de abril de 1941 que proibiu a presença de mulheres na realização de esportes de contato como uma medida protetiva para os especialistas da época, se manteve desta forma diante de toda a sociedade brasileira como uma campanha contra a presença feminina neste espaço, conforme visto na figura 1. Historicamente, a mulher presente nos espaços de futebol era excluída da sociedade por não ser feminina o suficiente ou ser masculina demais para conviver com as outras mulheres consideradas dentro do padrão, retomando elementos de uma sociedade extremamente patriarcal onde o local de poder da mulher não pertencia a ela.



Figura 1 - Recorte de reportagem mostrada durante série documental 'Vem com Elas' (Foto: "Vem com Elas" – SporTV)

Isto é reforçado por Salvini e Marchi Júnior (2016, p. 309), onde argumentam que a dominação masculina está presente no futebol brasileiro e é refletida no consumo restrito ou o não consumo da modalidade feminina devido a sua ligação histórica e cultural aos

preconceitos de gênero, este que afastou as mulheres do esporte. Após a liberação da prática do futebol por mulheres com a quebra do decreto, a modalidade passou por diversas fases.

Durante pelo menos 20 anos (1980–2000), a apresentação de corpos normativamente femininos e a habilidade esportiva eram tidos como dicotômicos. Nos anos 2000, foram identificadas matérias na *revista Placar* que evidenciavam nas jogadoras federadas o cuidado com o corpo e a beleza normativa, em uma tentativa de aproximar a habilidade esportiva do futebol (sumariamente entendida como masculina) a um corpo feminino de acordo com a normatividade. [...] Essa nova roupagem na apresentação das jogadoras se dá no sentido de desmistificar o estereótipo de jogadora de futebol que não cuida da aparência física para além das atribuições do esporte. (SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W.; 2016, p. 309)

Mesmo que seja necessário “evidenciar que há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia esportiva, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer” (GOELLNER, 2005, p. 143), ser ‘feminina’ ou não dentro do futebol é uma reflexão do patriarcado ainda enraizado na sociedade. Principalmente para as jogadoras de futebol, existem momentos em que é necessário recuperar esta feminilidade, como aconteceu com Marta na Copa do Mundo de 2019. Como visto na figura 2, a jogadora entrou em campo em uma das primeiras partidas da fase de grupos utilizando um tom forte de batom, lembrando sua feminilidade e como é possível ser atleta e mulher ao mesmo tempo, tirando a obrigatoriedade de estar rotulada como ‘menos mulher’ para jogar futebol.



Figura 2 - Marta durante a Copa de 2019 na partida entre Itália e Brasil na fase de grupos (Photo by Quality Sport Images/Getty Images)

“É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o ‘verdadeiro’ universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres” (LOURO, 1997, p. 16). Em seu livro “Gênero, Sexualidade e Educação”, Guacira Lopes Louro ainda destaca que estudos das mais diversas áreas, como Antropologia, Sociologia, Educação e Literatura, “apontam ou comentam as desigualdades sociais, políticas, econômicas, jurídicas, denunciando a opressão e submetimento feminino. Contam, criticam e, algumas vezes, celebram as ‘características’ tidas como femininas” (LOURO, 1997, p. 17). Neste contexto, a discussão não se limita somente ao biológico, ela se remete a construção social e histórica produzida nas características biológicas, pois é no âmbito social que se constroem os papéis masculinos e femininos dentro da sociedade.

Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros. (LOURO, 1997, p. 21)

Trazer os estigmas de gênero e a falta de representatividade de mulheres ocupando os espaços de poder dentro do futebol para esta monografia revela como as posições femininas não se concentram apenas nos gramados, mas “a ausência de mulheres em cargos de destaque na gestão esportiva dos clubes é um ‘reflexo contextualizado’ da ausência das mulheres em ambientes públicos e políticos do final do século XIX” (SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W.; 2016, p. 308). Tal fato preocupa quando é mapeado que a primeira mulher a comandar um time de futebol brasileiro chegou ao cargo em novembro de 2021 quando Leila Pereira foi eleita como Presidente do Palmeiras, ou mesmo que as primeiras coberturas jornalísticas no âmbito esportivo realizadas por uma mulher foram feitas apenas nos anos 1980. Para Salvini e Marchi Júnior,

Em se tratando do futebol feminino, historicamente e culturalmente revestido de questões dúbias sejam quanto à sexualidade ou quanto à capacidade física, essa transformação tende a ser demorada, principalmente por estar sob o comando de agentes dominantes dessa estrutura. (SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W.; 2016, p. 306)

Muitas vezes podemos observar que “o domínio do masculino é o público, o político e nele se inserem princípios de força, racionalidade, atividade, objetividade. O

domínio do feminino é o privado, o doméstico ao qual se conjugam fragilidade, emoção, passividade, subjetividade” (SOUZA, J.S.S.; KNIJNIK, J. D.; 2016, p. 39), algo que dificulta amplamente a divulgação do domínio feminino nos espaços de futebol, pois a discriminação e preconceito ao que parece “não pertencer” em um ambiente reconhecido como masculino, são altamente distribuídos pelos seres masculinos presentes.

Segundo Jorge Knijnik e Juliana Souza (2016, p. 38), “a mídia e o esporte são interdependentes, e é consenso que um é indispensável para o outro, isto é, o esporte vende a mídia e a mídia vende o esporte”, então como a mídia continua diminuindo as conquistas femininas dentro das manchetes de jornais, ao mesmo tempo que as mulheres não são maioria quando falamos de cobertura esportiva, sendo que dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2021 mostram que as mulheres são a maioria dentro do “país do futebol”? Se torna inegável que “as mulheres tiveram que lutar muito para assegurar um espaço no mundo dos esportes” (SOUZA, J.S.S.; KNIJNIK, J. D.; 2016, p. 39) e continuam lutando para se tornarem referência dentro dos espaços de futebol.

Mesmo aquelas que se tornam referência dentro do futebol, continuam sofrendo com diversos preconceitos e discriminações, principalmente em relação aos seus corpos e a padrão de beleza estipulado pela sociedade contemporânea. O que as obriga a ter que ouvir sobre “o apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade” (GOELLNER, 2005, p. 147), ou mesmo escutar que “agregue-se a esse discurso do mercado, ou ainda, da fala de condições de manter-se nele, um outro que há muito tempo ronda os espaços onde acontece a prática de atividades físicas tais como o futebol: o da masculinização das mulheres” (GOELLNER, 2005, p. 148). Então, não basta estar dentro do padrão estético para ser validada dentro dos espaços de futebol, também é preciso encaixar dentro do molde estabelecido pela sociedade que é baseado em sua sexualidade, corpo, corte de cabelo ou modo de se vestir. Para Goellner (2005, p. 148),

A espetacularização do corpo feminino é aceita e incentivada em determinados locais sociais, em especial, aqueles que valorizam uma representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação, por exemplo, da beleza e da sensualidade. Noutros, como o campo de futebol ou as arenas de lutas, essa espetacularização direciona-se para o estranhamento a estes corpos femininos performantes, fundamentalmente, porque às mulheres, cuja aparência corporal é excessivamente transformada pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo, são atribuídas características viris que não apenas questionam sua feminilidade, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o homem - seu corpo e seu comportamento - é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento

da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos. (GOELLNER, 2005, p. 148)

Não basta ser mulher, é preciso estar esteticamente agradável enquanto se realiza a sua profissão e nunca levantar a voz sem que seja necessário, segundo ditam as regras machistas.

3.1. Historicamente reprimidas dentro e fora de campo

Desde as quadras de areia até o futebol de salão, as mulheres circulavam dentre as modalidades do futebol em busca de um espaço em que pudessem ocupar pela falta de equipes exclusivamente femininas, mesmo que a chegada do futebol no Brasil seja datada em 1875, algo já atrasado em relação a Europa onde o Campeonato Inglês foi iniciado em 1888, a primeira partida entre mulheres do esporte só foi registrada 46 anos depois.

3. 1. 1. O início do esporte

A primeira partida entre mulheres no Brasil é datada em 1921, na zona norte de São Paulo, em uma época onde o futebol era elitista e apenas ricos e brancos tinham condições de arcar com os custos do esporte, dessa forma os pobres, negros e mulheres não tinham permissão para praticar. Quando falamos da prática do futebol logo após a sua chegada em 1888, “é válido também fazer menção ao fato de que os altos custos dos equipamentos utilizados para a prática do esporte, assim como a existência e manutenção de um bom gramado” (BROCH, 2021).

Em 1901, a primeira federação de futebol é criada e a Liga Paulista de Futebol não combateu as desigualdades, isso se refletiu nos grandes clubes que eram frequentados apenas por uma parcela da sociedade. Algo peculiar é que mesmo com os registros do futebol feminino retornando até os anos 1970, as mulheres não podiam desenvolver sua paixão profissionalmente dentro do “país do futebol”. Naquele primeiro momento, os pobres foram os primeiros a serem aceitos nos times profissionais, segundo Marina Broch (2021, p. 697)

as características exclusivistas do futebol foram se modificando e assim sendo incluídos outros sujeitos (que não os pertencentes a elite branca) na prática esportiva. Os pobres foram sendo aceitos nos times com o tempo, pois empresas inglesas formavam times de futebol, e, na falta de jogadores pertencentes às classes altas, passaram então a utilizar operários que antes exerciam suas funções na linha

de produção. (...) Apesar da aceitação de jogadores que não pertenciam a elite, a eles não era pago salário. (BROCH, 2021, p. 697)

O interesse da elite no futebol estava alinhado ao olimpismo, então ser pago para praticar esporte era algo impossível quando o lazer ainda era prioridade naquele momento. Apenas em 1923, quando o Vasco da Gama com seu time composto de negros, mulatos e pobres remunerados e bons de bola consagrou-se como campeão carioca, o futebol passou de ser visto apenas como uma atividade de lazer e virou um negócio. Registros divulgados pelo próprio clube, onde a história dos Camisas Negras é contada, trazem os pagamentos aos jogadores, que eram registrados pelos comerciantes portugueses como empregados em seus estabelecimentos, sendo datados como recorrentes desde 1915.

A metropolização das cidades, nos primeiros anos do século XX, auxiliaram o crescimento da prática esportiva com o surgimento de clubes recreativos, agremiações, federações, campeonatos e exibições atléticas, entre outros locais que foram destinados exclusivamente a exposição de corpos educados e desenhados pela exercitação física. É importante ressaltar que o fortalecimento do corpo feminino através da atividade física era uma maneira de preparar as mulheres para ter uma gravidez saudável e a esperança de uma maternidade sem complicações.

O reflexo da desigualdade dentro do esporte é visto ao perceber que a mulher, muitas vezes, é excluída da história. A mulher toma um papel secundário em relação ao homem, principalmente pela escrita desta história ser realizada por homens. “A história não apenas é relatada por historiadores constituídos em sua maioria por homens, como também é expressa através da utilização de documentos que são produtos de outros homens” (BROCH, 2021).

3. 1. 2. O início da proibição

O protagonismo feminino estava dentro dos campos, nas areias e nas quadras, ao mesmo tempo em que era considerado algo nocivo à saúde das mulheres e suas praticantes. Em seu início, as praticantes foram marginalizadas da sociedade e se tornaram uma “transgressão ao hegemonicamente aceito como constitutivo da identidade feminina” (GOELLNER; KESSLER, 2018, p. 35). A reclusão social das praticantes ocorria devido às recomendações médicas chanceladas por resoluções do Conselho Nacional de Desportos

(CND) desde a década de 1940, onde desaconselhavam mulheres a realizarem esportes que causavam esforços intensos e de contatos violentos. Para Marina Broch (2021, p. 700):

Tal proibição se estendia especificamente ao futebol pois se calcava no argumento de que o mesmo feria a natureza feminina considerando o contato e em muitas vezes a violência que estavam presentes neste esporte, e que assim, se tratava de uma prática exclusivamente dedicada aos homens {...}. Os ideais criados e dirigidos aos homens e as mulheres eram cobertos de dualidade e contraste, pois o homem representava hipoteticamente, uma figura forte, um atleta ideal para o desporto, e a mulher, pelo contrário, era delimitada como a expressão do sexo feminino frágil e delicado, incompatível com tal função. (BROCH, 2021, p. 700)

No entanto, os papéis destinados as mulheres se mantinham definidos pela literatura e pela realidade da época, colocando-as em um local submisso onde a prática de esportes só seria permitida para elas caso fossem compatíveis com a estrutura corporal feminina, assim a participação feminina no futebol foi restrita durante anos. Uma pressão moralista ditava a presença delas no esporte, conforme observado em uma reportagem ilustrada na figura 3, assim para que pudessem jogar era necessário atos de resistência, como jogos em locais de periferia ou campos de várzea, tanto de modo amador quanto clandestino.

Dessa forma, mantendo vivo o futebol feminino ainda em tempos de repressão, pois em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou a Deliberação número 7, que “deliberou sobre a interdição das mulheres à prática de lutas de qualquer natureza: futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, *rugby*, halterofilismo e beisebol” (GOELLNER; KESSLER, 2018, p. 36).

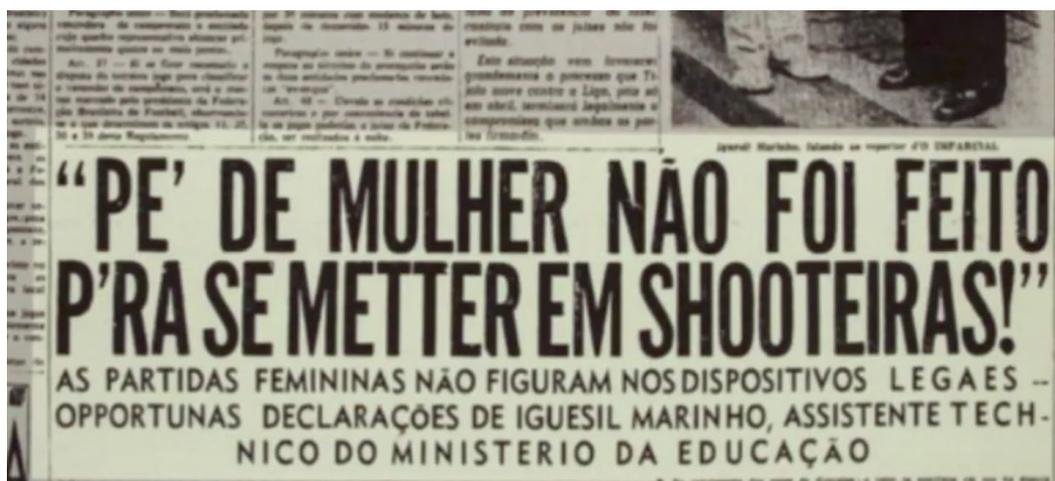


Figura 3 - Recorte de reportagem mostrada durante série documental 'Vem com Elas' (Foto: "Vem com Elas" – SporTV)

3. 1. 3. O retorno após a proibição

A proibição se manteve vigente por 38 anos, a prática do futebol feita por mulheres só foi revogada a partir do ano de 1979 com a deliberação nº 10 do CND, quando os movimentos feministas ficaram mais fortes no Brasil e as mulheres ingressaram com mais força no mercado de trabalho. Com isso, ocorreu a exposição da falta de estudos fisiológicos sobre as mulheres dentro do esporte, o que causou especulações preconceituosas e barreiras que inibiram a prática feminina, além dos valores sexistas já existentes no contexto social brasileiro que criaram e perpetuam a desigualdade de gênero. Até os dias atuais, a validação da presença feminina dentro e fora dos campos é questionada, com base em uma padronização dos corpos pré-estabelecida na sociedade. Para Goellner e Kesller (2018, p. 31-38):

De qualquer forma, mesmo que a prática recreativa tenha existido durante o período de restrição às práticas competitivas, não se pode negar que o impedimento à realização de torneios barrou o processo de profissionalização das jogadoras. O histórico de resultados da seleção brasileira de mulheres, mesmo com a ausência de um calendário organizado e de campeonatos com grande representatividade e mundial, permite-nos afirmar que ela se posiciona entre as melhores equipes internacionais a participarem das competições promovidas pela Fifa. No entanto, essas conquistas são invisíveis e sub-representadas, inclusive na mídia esportiva, que pouco divulga e quando o faz, não raras vezes, noticia aspectos periféricos como, por exemplo, a beleza (ou não) das jogadoras em detrimento dos aspectos técnicos. (GOELLNER; KESSLER, 2018, p. 31-38)

A lacuna do papel feminino dentro do futebol brasileiro é constantemente aumentada por eles e aos poucos retificada por elas, pois os homens eram os que comandavam as novas equipes que surgiram após a revogação enquanto as mulheres lutaram por mais direitos dentro do esporte. Um exemplo disso ocorreu em 1983 quando foi implantado a regulamentação da modalidade feminina no Brasil, devido a uma mobilização por parte das jogadoras. Enquanto a primeira seleção masculina foi criada em 1914, a primeira seleção feminina foi formada 74 anos depois em 1988. A Seleção Brasileira composta por mulheres, atualmente conhecida como “Mulheres do Brasil”, disputou seu primeiro jogo apenas em 1986, um amistoso contra os Estados Unidos que finalizou com um placar de 2 x 1 para nossas rivais.

O costume de apenas ver as mulheres em suas casas ou até mesmo na arquibancada, fez com que a mentalidade masculina não conseguisse imaginar a dominação feminina dentro do espaço futebolístico, que aparentemente era estritamente masculino, incluindo sua injusta comparação entre o rendimento esportivo feminino e masculino, o que causa o aumento das críticas em relação a performance delas em partidas de futebol. O

destaque das mulheres no futebol na imprensa brasileira começa durante os anos de 1990, especificamente em 1993, com o surgimento do time feminino no clube E.C. Radar no Rio de Janeiro e do clube Saad em São Paulo. O E.C. Radar foi pioneiro ao viajar pelo mundo representando o futebol feminino brasileiro, inclusive grande parte da primeira seleção brasileira foi montada a partir deste time.

3. 1. 4. O início do destaque do futebol de mulheres e as grandes competições

Uma Copa do Mundo pode parar atividades corriqueiras de um país para que seus habitantes celebrem as partidas, enquanto uma Olimpíada traz novos olhares para esportes antes negligenciados e/ou marginalizados. A partir disso, é possível definir como o esporte é um fenômeno cultural e o fanatismo que o acompanha é embasado pelo imaginário social, da mesma forma que o futebol se tornou parte do identitário do Brasil e do brasileiro. Este fenômeno é algo que torna possível mexer com calendários profissionais e escolares quando a seleção entra em campo, demonstrando como o futebol se transformou em algo inerente a cultura brasileira.

Quando trazemos o contexto histórico do futebol feminino para os campeonatos, é possível observar que a primeira edição da Copa do Brasil de Futebol Feminino aconteceu apenas em 2007, enquanto a masculina ocorreu em 1930, quase 77 anos depois. As dimensões marcantes de um evento esportivo e como ele pode ser reconhecido são monitoradas há décadas pelos profissionais da comunicação, como demonstrado na série documental do *SporTV* “*Vem com Elas*”, conforme visto na figura 4.



Figura 4 - Abertura da série documental "Vem com Elas" (Foto: "Vem com Elas" – SporTV)

Os quatro episódios narram a história do futebol feminino desde a primeira Copa do Mundo em 1991, sua transformação até os dias atuais e os obstáculos enfrentados pelas diferentes gerações de atletas com comentários de jogadoras, como as pioneiras Roseli do Belo, Márcia Taffarel, Cristiane Roseira, Sisleide do Amor (Sissi) e a atletas desta geração como Tamires Dias, Érika Cristiano, Antônia Silva e Ary Borges.



Figura 5 - Foto da primeira Seleção Brasileira Feminina a competir em uma Copa do Mundo exibida na série documental "Vem com Elas" (Foto: "Vem com Elas" – SporTV)

As competições mais antigas do futebol feminino datam seu início em 1991 com a Copa América Feminina e logo após nos Jogos Olímpicos de 1996 seguido do Pan-Americano em 1999. A primeira seleção durante sua primeira participação na Copa do Mundo é ilustrada na figura 5. Isso significou como o futebol feminino se tornou um potencial grandioso para “desestabilizar a estruturação de um espaço de sociabilidade criado e mantido sob domínio dos homens, cuja justificativa para sua consolidação, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas” (GOELLNER; KESSLER, 2018).

Esses campeonatos seguem acontecendo com uma quantidade de seleções e times reduzidos em relação aos seus concorrentes do sexo masculino, demonstrando como “os relatos históricos brasileiros que abordam a participação feminina nos esportes são permeados por situações que envolvem dificuldades e superações, ou mesmo, lutas que nem sempre são apresentadas de forma explícita e aparente pelos meios de comunicação” (SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W., 2016). Um exemplo disso é o Campeonato Brasileiro, dividido em Série A1, A2 e A3, quase correspondendo com as séries A, B e C do masculino.

A partir de 2019, o campeonato Pan-Americano começou a ser esquecido, mesmo com o Brasil sendo o maior vencedor da competição com três medalhas (2003, 2007 e 2015), pois as duas finalistas da Copa América não estão mais disputando o Pan por ganharem a classificação automática para os Jogos Olímpicos. Em 2023, o Brasil e a Colômbia, campeão e vice-campeão, respectivamente, estarão de fora da próxima edição do Pan e seleção brasileira marcou ausência em 2019 pelo mesmo motivo.

Um dos maiores exemplos da diminuição feminina em relação às conquistas masculinas, são as divulgações dos jogos durante o período de competições, como a Copa do Mundo. A campanha de 2007 realizada pela seleção brasileira feminina foi o mais longe que um time feminino de futebol brasileiro chegou diante de toda a sua história, onde resultou em uma perda para o time alemão e o título de vice-campeã para as jogadoras. Enquanto uma das competições com o maior destaque para o futebol brasileiro é a Copa Libertadores da América de Futebol Feminino que desde 2009 contou com 15 edições e 12 títulos brasileiros, mas ainda recebe pouca visibilidade durante as transmissões de jogos do campeonato. Atualmente, o time do Corinthians é o maior campeão com quatro títulos conquistados e o mais recente no ano de 2023.

A conquista de espaço no futebol pelas mulheres é muito significativa quando pensada através de uma perspectiva de gênero que considere o longo e difícil

caminho percorrido pelas atletas. O caminho trilhado pelas jogadoras vai muito além daquele percorrido em busca da realização de um sonho ou da conquista de um campeonato. Ele perpassa por um obstáculo que está enraizado socialmente no Brasil: a desigualdade de gênero. O incentivo institucional e social é muito menor quando se trata do futebol feminino, e por vezes é até nulo. Não só as jogadoras de futebol sofrem a violência que é expressa através do machismo, outras mulheres que atuam no meio futebolístico, tais como árbitras, dirigentes, repórteres esportivas, enfim, qualquer mulher que se envolva na atividade que outrora só tinha homens em destaque, é diminuída e se torna alvo de agressões, tanto direta quanto indiretamente, o que se estende às torcedoras, também (BROCH, 2021)

A vivência masculina do futebol é completamente diferente da feminina e os resquícios disso continuam na atualidade, desde patrocínios, quantidade de times a campeonatos entre uma liga e outra. A diferença é demonstrada pela forma em que as modalidades são tratadas, a sub-representação feminina dentro do futebol é demonstrada com a falta de campeonatos, pelo pouco espaço na mídia, pela “ausência de equipes nos principais clubes, o pouco incentivo para a prática do futebol pelas meninas na educação física escolar e nos espaços de lazer, entre tantas outras situações” (GOELLNER; KESSLER, 2018).

A nova busca da seleção masculina é a sua sexta conquista na Copa do Mundo, no entanto as “Mulheres do Brasil” estão na luta pela primeira. Atualmente o futebol feminino brasileiro se torna cada vez mais amadurecido, mesmo com a precariedade das condições de desenvolvimento e prática denunciada pelas jogadoras quase que semanalmente. Segundo Goellner (2005, p. 143), “Vários são os argumentos possíveis de serem recrutados para explicar ou, ainda, explicar a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro”.

O futebol praticado por mulheres continua sendo uma ameaça por ter destruído aquela representação de que a feminilidade era algo que as tornavam frágeis, na mesma medida em que “desafiou a tradicional subordinação presente na sociedade brasileira nos anos inaugurais do século XX” (GOELLNER; KESSLER, 2018). Mesmo que o foco dos holofotes esteja nos jogadores que são vangloriados a todo o momento, esse destaque fez com que o mundo conhecesse o país pela sua história dentro do futebol masculino ao mesmo tempo que esquece a repressão que atrasou o avanço das conquistas femininas no esporte, além de diminuir conquistas de uma mulher que marcou em cinco Copas do Mundo e foi eleita seis vezes a melhor jogadora do ano.

4. Resultados da pesquisa: repressão dentro e fora dos campos

Ao mostrar uma parcela da luta feminista, os anos de repressão do futebol feminino e da presença da mulher, seja nas arquibancadas, campos ou bastidores, são expostos. Desta forma, o aumento destas discrepâncias de representação nestes espaços faz com que a figura masculina sempre esteja presente ocupando os espaços de poder no futebol. Eles continuam a dominar os regimes hierárquicos de gênero, o que dificulta que elas permaneçam e/ou cheguem ao mesmo nível devido ao impedimento de poderem jogar no passado ou estarem presentes em um local que não fosse de “musa do Brasileirão” ou de uma mera espectadora e não torcedora, uma voz dentro de milhares em um estádio ou arena de futebol.

4.1. Dentro do campo

A marca machista em nossa sociedade é explorada e exposta a cada vez que uma mulher conquista seu espaço, trazendo à tona um reflexo da sociedade pouco mencionado pelas inúmeras tentativas de apagamento que as mulheres sofrem dentro das profissões ligadas ao esporte e que atuam diariamente para que ele continue a evoluir.

4.1.1. Árbitras

O final da década de 1960 foi marcado pela presença da primeira árbitra do futebol profissional mundialmente, a mineira Asaléa de Campos Fornero Medina. “A inserção das mulheres brasileiras no mundo do esporte data de meados do século XIX. No entanto, é a partir das primeiras décadas do século XX que a participação se amplia adquirindo, portanto, maior visibilidade” (GOELLNER, 2006).

Conhecida mundialmente como Léa Campos, a árbitra estudou por oito meses na escola de árbitros da Federação Mineira de Futebol, em 1967, mas precisou recorrer a validação de seu diploma ao ditador Emílio Garrastazu Médici que atuava como presidente. O presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual CBF, e da FIFA João Havelange havia decidido que mulheres não poderiam atuar dentro do futebol enquanto ele estivesse no poder. Léa necessitava do diploma para apitar em uma competição feminina no México em 1971, mas sem a certificação não poderia atuar fora do país.

O início da carreira de Léa começou oficialmente em 1971, ao todo, ela apitou 98 jogos. Infelizmente, devido a um acidente grave em que Léa ficou presa entre as ferragens de um ônibus em 1974, ela foi obrigada a encerrar a carreira da árbitra.

O caminho trilhado por Léa foi aos poucos sendo seguido por outras mulheres. Grandes campeonatos esportivos que antes não se imaginava que a figura feminina estivesse ali com os cartões ou as bandeiras que comandam o jogo, possuem mulheres como Neuza Black. A única bandeirinha brasileira apitou durante a Copa do Mundo no Catar, e fez parte do trio de arbitragem feminina que estive em campo no mundial masculino.

Outra árbitra com destaque nacional é Edina Batista que, em 2019, quebrou o hiato de mulheres apitando jogos masculinos da Série A após quatorze anos sem uma mulher ocupar este local na elite do futebol nacional. Antes dela, a última mulher a ocupar este espaço foi Silvia de Oliveira que apitou um jogo de série A em 2005, este feito a tornou primeira mulher a apitar jogos profissionais em São Paulo.

4. 1. 2. Técnicas

Quando trazemos o campo de atuação para as técnicas esportivas, vemos o quão o local é restrito. O espaço do futebol está intimamente ligado ao o que a sociedade machista acredita ser os papéis ocupados pela identidade de gênero, por isso a ocupação feminina na posição de técnica no Brasil é recente.

A luta para ocupar este espaço se iniciou com Helena Pacheco em 1987. Conhecida por ser a primeira técnica da jogadora Marta em um grande clube, Helena comandava o time do Vasco e chegou a conquistar em sua carreira cinco títulos estaduais e quatro nacionais. Entretanto, outra pioneira também deixou sua marca na história das técnicas brasileiras, Nilmara Alves. O El País em 2018 descreveu a ex-jogadora e a primeira técnica de uma equipe profissional no Estado de São Paulo, ilustrada na figura 6, como discreta e tímida, sem o hábito de xingar palavrões ou subir o tom de voz quando orientava os jogadores do time masculino do Manthiqueira de Guaratinguetá, onde esteve comandando entre os anos de 2012 e 2017 quando foi desligada do time.



Figura 6 - Nilmara Alves comandou o time masculino por cinco anos. Foto: Divulgação no site El País

Ainda segundo a reportagem, antes de Nilmara, somente uma mulher havia comandado um time de futebol masculino no Brasil, Cláudia Malheiro foi vice-campeã acriana com o Andirá, em 2007.

Um dos fatores que impactaram positivamente o aumento da atuação das mulheres como técnicas no Brasil foram as medidas impostas pela CBF em 2019, inspiradas da Fifa que determinou anteriormente no mesmo ano que os times masculinos que desejassem continuar disputando a Copa Libertadores da América e a Copa Sul-Americana precisavam manter equipes de futebol de mulheres adulta e juvenil. No âmbito brasileiro, a confederação decidiu que os times que continuassem a disputar a Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino seriam obrigados a manter equipes femininas. Consequentemente, mais mulheres passaram a preparar atletas para competir.

Uma reportagem feita pela Revista AzMina no ano em que as medidas foram instauradas trouxe que, apesar da conquista da ocupação feminina em diversos âmbitos, ainda tínhamos poucas mulheres na liderança de times profissionais de futebol no Brasil. Em 2019, dos 20 times masculinos que disputavam o Campeonato Brasileiro pela série A, nenhum era treinado por uma técnica e o mesmo segue acontecendo em 2024. Neste mesmo ano, Tatiele Silva que foi a primeira técnica a ganhar o Brasileirão A1 com o Ferroviária.

Ao analisar o mesmo quadro de times que ocupam a série A do Campeonato Brasileiro, quando passamos para os times femininos dos mesmos apenas dois clubes possuem mulheres chefiando sua comissão técnica: Camilla Orlando no Palmeiras e Thaisan

Passos no Grêmio. Quando a análise é feita nos times da série A1 do Campeonato Brasileiro Feminino, ainda temos Jéssica Lima no Ferroviária, pioneiro na criação de categorias de base para a modalidade, e Carine Bosetti no Avaí/Kindermann. Totalizando cinco técnicas na divisão.

Até mesmo quando falamos da ocupação do cargo de técnica para a seleção feminina do Brasil, apenas duas mulheres comandaram a equipe e uma delas durou dez meses no fim de 2016, a brasileira Emily Lima foi a primeira a treinar as “Mulheres do Brasil” antes de sueca Pia Sundhage. Atualmente, o cargo é ocupado por Arthur Elias, mas a seleção sub-20 é comandada por Rosana Augusto, que também foi jogadora da Seleção Brasileira Feminina e participou de quatro Copas do Mundo e quatro Olimpíadas. A técnica que acompanhou Arthur Elias na seleção principal como auxiliar-técnica em 2023, venceu a Sul-Americana Sub-20 em 2024 e conquistou o nono título para o Brasil na categoria.

Ao ampliar a atuação de mulheres como técnicas, também existem projetos sociais voltados totalmente para o ensino do futebol por mulheres e para meninas e mulheres, como o Daminhas da Bola que foi apresentado durante a série documental “*Vem com Elas*”.

4. 1. 3. Gestoras de equipe

Em âmbitos de gestão, a presença das mulheres é quase uma afronta. A quantidade de mulheres comandando times profissionais de futebol, quando comparada com o número de homens, é pequena. No contexto da última Copa do Mundo, sediada na Austrália em 2023, apenas 12 seleções tinham treinadoras. Dos 20 times masculinos que competem o Campeonato Brasileiro pela série A, nenhum deles possui uma mulher como treinadora, no entanto apenas o Palmeiras possui uma mulher na sua liderança, Leila Mejdalani Pereira é a 40ª presidente do clube, seu mandato começou em novembro de 2021 quando venceu a eleição de chapa única.



Figura 7 - A presidente Leila Pereira e todas as jornalistas presentes na entrevista coletiva (Foto: Cesar Greco/Palmeiras/by Canon)

A presidente do Palmeiras também foi pioneira ao convocar em janeiro de 2024, a primeira coletiva exclusiva para jornalistas mulheres, mostrado na figura 7, onde anunciou a renovação do técnico Abel Ferreira. Na ocasião, ela trouxe a importância deste ato e como foi questionada por homens ao anunciar a reunião, onde sua resposta trouxe ironia e um pedido para que eles deixassem de ser ‘históricos’.

Nós não queremos privilégio. Queremos ter a oportunidade de mostrar que somos competentes, queremos ter espaço neste mundo do futebol que é tão masculino. Constantemente, vou a reuniões e só tem homens. Convoco coletivas de imprensa na Academia de Futebol e vejo 30 homens e duas ou três mulheres. Eu me sinto totalmente solitária, então temos de dar um basta. Não pode ser normal ter só uma mulher à frente de um grande clube na América do Sul. Por que isso acontece? Porque sofremos diversas restrições. Nós podemos estar onde quisermos, esse é o motivo da nossa reunião hoje” (PEREIRA, 2024).

Em março de 2024, Leila se tornou a primeira mulher a ser chefe da delegação da Seleção Masculina. Em entrevista divulgada pelo Globo Esporte, ela destaca sobre estar honrada pelo convite e a felicidade em ser a primeira mulher a ocupar este papel. “Não por achar que a mulher é superior por gênero, somos todos iguais. Mas por nos estarem dando oportunidade para estarmos aqui e onde quisermos” (PEREIRA, 2024).



Figura 8–Leila Pereira, presidente do Palmeiras, quando foi chefe de delegação (Foto: Rafael Ribeiro/CBF)

Mesmo que o cargo ocupado por Leila Pereira, conforme mostrado na figura 8, na Seleção Brasileira seja simbólico, onde sua função é acompanhar treinos e representar a CBF em almoços, jantares e outros encontros com dirigentes de outras federações, a conquista ainda se torna um marco para as mulheres.

4. 1. 4. Jogadoras

A realidade para as mulheres que jogam futebol, seja profissionalmente ou não, no Brasil atualmente está definitivamente melhor, em relação a uma comparação histórica do esporte no país. No entanto, a história por trás dessa conquista não deve ser apagada ou muito menos esquecida.

Até o momento, as duas únicas mulheres a vestirem a camisa de número dez na Seleção Brasileira Feminina foram a rainha Marta e a imperatriz Sissi, ambas nordestinas e lutadoras quando se fala dos padrões impostos para as mulheres ao tomarem este local de poder no esporte mais assistido no mundo. Enquanto Sissi precisou enfrentar as dificuldades impostas pela sociedade em relação ao seu cabelo, a sua escolha de praticar um esporte em uma época onde ele era proibido por lei e as oportunidades oferecidas a jogadora durante sua

carreira, Marta enfrenta, principalmente, a disparidade de direitos entre homens e mulheres que continua ocorrendo no esporte. “São tempos muito distintos experienciados pelo futebol masculino e feminino, pois o desenvolvimento do futebol com times formados por homens, teve por base alguns dos privilégios do gênero masculino, e não precisou lidar com a repressão com que os times femininos foram atingidos” (BROCH, 2021).



Figura 9 - Seleção conquistou o terceiro lugar no torneio na China vencendo a anfitriã nos pênaltis em 1988 (Foto: Acervo Museu do Futebol / Suzana Cavalheiro)

Segundo a ex-jogadora e pioneira na Seleção Brasileira durante os anos de 1988–1999, Marisa Pires Nogueira (Cajú) na série documental ‘Vem com Elas’, quando a Seleção Brasileira entrou em campo no Torneio Experimental em 1988, que futuramente se tornaria a Copa do Mundo em 1991, as onze mulheres em campo impressionaram o resto do mundo, como mostrado pela figura 9, pois ninguém esperava a qualidade do futebol feminino brasileiro com o investimento que a modalidade recebia. “Quando elas começavam em campo, que viam a gente, a Roseli com aqueles dribles desconcertantes, a Pelé, a Sissi e aquela qualidade do meio de campo para frente, minha filha, ela falava: “peraí, não é desse jeito que a gente tá achando que o Brasil é não. Então, eles tinham medo e acho que a cabeça deles piravam” (NOGUEIRA, 2023).



Figura 10 - Sissi é a que aparece no segundo banco do lado direito, com a cabeça para baixo. Roupas da seleção feminina vinham dos restos da masculina (Foto: Acervo Museu do Futebol / Suzana Cavalheiro)

Ainda segundo as informações divulgadas no documentário, essa primeira seleção foi formada com base no time E.C. Radar do Rio de Janeiro e algumas jogadoras de outros estados. A ex-jogadora e pioneira na Seleção Brasileira durante os anos de 1991–1996, Márcia Taffarel explicou que os uniformes eram restos do masculino porque a CBF não estava preparada para ter uma equipe feminina na modalidade, a fotografia na figura 10 mostra como as atletas se locomoviam pela seleção. “Olhava as americanas, todo mundo bem vestido. Você olhava para gente assim e falava, caramba, o que é que é isso?”, (DO AMOR, 2023). Natural de Esplanada, Bahia, a ex-jogadora e pioneira na Seleção Brasileira durante os anos de 1988–2000, Sisleide do Amor (Sissi) contou em entrevista para “Dibradoras”, nas redes sociais em abril de 2020, que mesmo com os uniformes quase três vezes maiores do que as mulheres na equipe, conforme mostrado na figura 11 pela ex-jogadora Roseli, elas só buscavam jogar e representar o país. Em outra entrevista para o mesmo veículo em 2019, Sissi relatou que a confederação mantinha as seleções separadas e, inclusive desacreditava do potencial delas ao comprar a passagem de volta das atletas nas Olimpíadas de 1996 para logo depois da primeira fase, no entanto a equipe se classificou e retornou com o título de quarto lugar na competição.



Figura 11 - Roseli mostrando o tamanho do uniforme entregue para o primeiro torneio (Foto: "Vem com Elas" - SporTV)

Algo simples como uma mudança nos uniformes só foi feita antes da Copa do Mundo em 2019, mostrado na figura 12, quando eles passaram a ser feitos exclusivamente para as Mulheres do Brasil, assim elas puderam competir com modelos diferentes do masculino. Em reportagem feita pelo blog 'Elas no ataque' do Correio Braziliense em março de 2019, é explicado que a coleção criada pela marca Nike foi feita após estudos e troca de informações com as jogadoras e a principal reclamação nos modelos anteriores era o caimento dos shorts.



Figura 12 – Foto disponibilizada pela CBF/Nike

De acordo com SALVINI e MARCHI JÚNIOR “Tendo em vista o amadorismo do futebol feminino no nosso país, quando as atletas atingem o ponto alto na carreira esportiva, que é representar a seleção, as pessoas que antes não acreditavam, passam a ver as jogadoras com outros olhos”. Isso foi posto em prática no ano de 1999, quando Sissi se tornou a artilheira da Copa do Mundo de 1999 com 7 gols e artilheira do Campeonato Sul-Americano com 12, mas a imagem da ex-jogadora não agradava a CBF. Segundo ela mesma informou para a “Dibradoras” em 2019, a confederação acreditava que vender a imagem daquela mulher de cabelos raspados não era algo bem visto, pois fugia dos padrões considerados

“femininos”. A ex-jogadora lembrou na reportagem que as jogadoras que se encaixavam dentro dos padrões era as selecionadas para serem entrevistadas, mas pela sua reputação diversos jornalistas insistiam em entrevistá-la, esta comparação entre os padrões observados nas jogadoras pode ser visualizada na figura 13.

“Na seleção, tive que fazer umas fotos para uma revista, aí tive que botar maquiagem. Depois eu falei: nunca mais vou fazer isso. Fazer essas coisas pra ser aceita. Falei: nunca mais vou deixar alguém me dizer o que eu tenho que fazer. Na hora, eu fiquei chocada. Foi a pior coisa que eu fiz na minha vida. Pra ser aceita. Ter um lado feminino. Eu perdi vários convites pra fazer outras coisas nesse sentido depois, porque não aceitei mais” (DO AMOR, 2019).



Figura 13 – Foto do arquivo pessoal de Sissi disponibilizado na Dibradoras

A reportagem da “Dibradoras” ainda revela que o regulamento do Campeonato Paulista de futebol feminino no ano de 2001 teve um acréscimo, onde a regra dizia que os times deveriam “enaltecer a beleza e sensualidade das jogadoras para atrair o público masculino”. Este foi um dos fatores que mantiveram Sissi longe dos gramados brasileiros, após ter tido uma carreira fantástica no São Paulo entre os anos de 1997 até 2000, onde conquistou dois títulos no Campeonato Paulista e um do Brasileiro, chegando até mesmo a

fazer a torcida tricolor gritar para o técnico Muricy Ramalho, que comandava o time na época do seu auge entre os anos de 1997–2000, para colocar a artilheira em campo.

O treinamento das pioneiras pertencentes ao time E.C. Radar era junto aos marinheiros no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN) que pertencia a Marinha Brasileira e era localizado na cidade do Rio de Janeiro, segundo conta a ex-jogadora e pioneira na Seleção Brasileira entre os anos de 1988–2004, Roseli de Belo em “*Vem com Elas*”. Com o passar dos anos, foi possível observar o aumento da qualidade de treinamento das jogadoras, principalmente após a implementação de medidas pela CBF em 2019 que obrigou os times da série A do Campeonato Brasileiro a ter times femininos.

O futebol de mulheres no Brasil conta, hoje, com um campeonato oficial em nível nacional organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF): o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, que se divide em duas séries desde 2017, após ter passado por reformulação. Anteriormente era composto de série única e disputado por 20 equipes selecionadas segundo critérios expostos no regulamento específico. A série documental ainda mostra que nem mesmo 100 mil jogadoras brasileiras estão registradas na Fifa, enquanto os Estados Unidos da América possuíam mais de 1,6 milhão em 2023. Esta diferença exorbitante em números mostra como o incentivo ao esporte desde a infância traz possibilidades para as mulheres de que elas também podem atuar como jogadoras profissionais.

Uma forma de diminuir essa divergência foi o aumento do investimento nas categorias de base criadas a partir do ano de 2021 no Ferroviária, ao visualizar o retorno com o aumento de títulos, outros clubes seguiram o exemplo. Atualmente temos atletas que já foram convocadas diretamente da base de times profissionais para atuar na Seleção Brasileira, como a jogadora de 19 anos que atua no Ferroviária, Aline Gomes. Mas a maior venda da história do futebol feminino brasileiro é de R\$2,5 milhões, algo que aconteceu em abril de 2024 com a zagueira Tarciane, todavia a maior venda na história do masculino ocorreu em 2013 e chega aos € 88,4 milhões, algo que ultrapassa R\$ 554 milhões.

A evolução do futebol de mulheres no Brasil só poderá acontecer após o investimento da sociedade em igualar as oportunidades para ambos os gêneros, como ocorreu com a comissão inglesa e espanhola de futebol após os Jogos Olímpicos de Londres em 2012 e os frutos deste investimento foram colhidos pelas respectivas seleções durante a Copa do Mundo da Austrália em 2023, quando os dois primeiros lugares do pódio foram ocupados.

Ainda sem o investimento desejado, os campeonatos internos do país estão crescendo e conseqüentemente a aumentando visibilidade do futebol de mulheres, mesmo ainda sendo uma realidade que a separação por gêneros dentro do futebol, ela continua se mostrando em atos de repressão, sejam eles pequenos como falta de cobertura midiática ou situações graves como tentativas de assédio, disparidades salariais ou falta de patrocínio. Apenas em 2019 que a Copa do Mundo Feminina passou a ser transmitida pela TV aberta, mas ainda não é transmitida na sua totalidade nas televisões, somente na internet através da CazéTV que transmitiu todos os 64 jogos da competição em 2023.

Um exemplo grave dos atos de repressão contra as jogadoras no futebol feminino brasileiro foi o retorno do técnico Kleiton Lima para o time do Santos após as jogadoras do Sereia da Vila denunciarem o profissional por assédio moral e sexual no ano anterior. Em reportagem feita pelo Globo Esporte em 2023, é exposto que o clube recebeu a denúncia e estava apurando o caso, o veículo teve acesso a 19 das cartas enviadas pelas jogadoras de forma anônima e nelas estão relatos de assédio sexual e moral, como cobranças excessivas, constrangimentos e ameaças por parte do técnico, além de toques indevidos. Os relatos foram entregues para Aline Xavier, supervisora das Sereias da Vila, que as encaminhou para a diretoria que dispensou toda a comissão técnica.

O retorno do técnico em abril datou sete meses após sua saída do clube em setembro de 2023. Com um técnico que nega as acusações e sendo defendido pelo clube, as jogadoras afirmaram ao Globo Esporte que se sentiram desamparadas, indignadas e com medo, o que resultou em um protesto feito pelas atletas do time adversário durante o hino nacional em um jogo do Santos contra o Corinthians em abril deste ano, assim mostrado na figura 14. As jogadoras do “Timão”⁶ colocaram as mãos em suas bocas, simbolizando o silenciamento causado pelo clube santista contra as jogadoras do “Sereias da Vila”⁷.

⁶ Apelido para o time do Corinthians

⁷ Apelido para o time feminino do Santos



Figura 14 - Jogadoras protestam após técnico acusado de assédio ser contratado pelo clube (Foto: Rodrigo Gazzanel / Agência Corinthians)

Ao contrário do que ocorreu com a jogadora espanhola Jenni Hermoso após ter sido beijada à força pelo ex-presidente da Real Federação Espanhola de Futebol (RFEF) Luis Rubiales, o caso das Sereias da Vila não passou por meio judiciais e foi encerrado pelo próprio clube.

4. 2. Fora do campo

Atualmente, a repressão da participação e da presença feminina se mostra nos pequenos detalhes, mesmo com o crescimento do feminismo e da tomada de novos cargos pelas mulheres que, anteriormente, eram posições consideradas apenas masculinas. As atitudes machistas dentro dos estádios, e fora deles, ainda tentam mostrar que o lugar delas não é ali, mesmo que muitas das mulheres que naquele local sejam melhores do que seus colegas do sexo masculino.

4. 2. 1. Torcedoras

Quando falamos de futebol, também falamos de torcida. A torcida está presente nos bons e nos maus momentos do esporte, perpassando a identificação clubística e revelando

práticas e condutas que vão além do campo. Com o crescimento da participação feminina nas torcidas, é possível observar a superação de insultos machistas ouvidos nas arquibancadas ou tentativas de assédios, no entanto a presença delas possuiu um papel decisivo para fomentar o que consideramos hoje uma torcida. Para Costa (2006, p. 1),

Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados. A proliferação de alguns produtos criados para uso específico do público feminino demonstra que o interesse das mulheres pelo futebol só faz crescer nos últimos anos. Vários são os modelos de camisas de times, seleções e torcidas organizadas com versões mais apropriadas para o corpo feminino. Outros acessórios como bolsas, brincos, pulseiras, relógios, anéis e até calcinhas, com estampas do escudo de um time de futebol, podem ser facilmente encontrados. (COSTA, 2006, p. 1)

De acordo com Januário (2019), o perfil da mulher torcedora veio se configurando como algo cada vez mais comum. “Um perfil que se utiliza de um mix de meios para participar de debates no entorno do espetáculo futebolístico, que vão desde as arquibancadas até as redes sociais virtuais” (JANUÁRIO, 2019, p. 21). As mulheres estão nas torcidas organizadas, em grupos ou mesmo sozinhas vêm ganhando visibilidade e assim fomentando a identidade da torcedora mulher. É possível observar sua presença nestes locais em torcidas organizadas, como: *Jovem Fla Pelotão Feminino* (RJ - Flamengo), *Dragões da Real* (SP - São Paulo Futebol Clube), *Galoucura Feminina* (MG - Atlético Mineiro), *Camisa 12* (RJ - Vasco da Gama), *Mulheraço* (RJ - Volta Redonda), *Alvinegras 1931* (PB – Botafogo da Paraíba), *Coletivo Torcedoras do Leão* (CE – Fortaleza Esporte Clube), *Loucas pelo ECV* (BA – Esporte Clube Vitória), *Movimento Coralinas* (PB – Santa Cruz Futebol Clube) e na *Gatas da Fiel* (Pará - Paysandu).

Na torcida baiana é difícil não as ver ou mesmo ouvir a voz da Torcida Tricoloucas, que teve sua trajetória iniciada pelo aplicativo de mensagens WhatsApp e fundação no dia 1º de outubro em 2017. Em 2023, era composta por 44 sócias e sua ocupação é visível em jogos do time e em outras ações do Esporte Clube Bahia.

Não importa se a simples existência desses grupos seja virtual ou não, isso aponta para uma crescente incorporação da mulher na torcida brasileira e, não apenas como “Musa do Brasileirão” ou líder de torcida.

4. 2. 2. Jornalistas

Existem dezenas de canais exclusivos para o esporte, colunas e seções em grandes veículos de notícias, aos poucos a presença feminina foi se tornando constante e necessária para trazer pontos de vista diferentes às modalidades esportivas. Ainda que as mulheres não sejam a maioria dentro das redações, ao menos que seja um veículo como o Dibradoras onde a presença feminina é a única, elas ainda passam por obstáculos que seriam inimagináveis se ocorrem com os homens da profissão, como assédios, importunações sexuais e agressões verbais.



Figura 15 - Recorte de reportagem exibido na campanha #DeixaElaTrabalhar (Foto: Reprodução YouTube)

Era o ano de 2018, a jornalista Bruna Dealtry estava na torcida após um jogo do Vasco da Gama no Estádio São Januário, conforme visto na figura 15, quando foi assediada por um dos torcedores enquanto transmitia para o antigo Esporte Interativo, atual TNT Esportes. Após o infeliz incidente, a jornalista divulgou um vídeo em suas redes sociais e outras colegas de profissão decidiram se juntar a ela para gravarem a campanha de conscientização #DeixaElaTrabalhar. Cerca de 50 jornalistas participaram da campanha, onde elas se juntaram para lembrar a existência de um problema constante na sociedade e que insiste em atrapalhar a resistência delas enquanto trabalham, como aconteceu também com Aline Nastari durante uma transmissão ao vivo, mostrado na figura 16. A campanha pode ter diminuído seu alcance com o passar dos anos, mas ainda é mencionada quando novos casos de assédio repercutem dentro dos meios futebolísticos.



Figura 16 - Recorte de reportagem exibido na campanha #DeixaElaTrabalhar (Foto: Reprodução YouTube)

“Quando eu sai do ar, foi uma sensação muito esquisita. Me deu uma sensação de impotência, de humilhação e o que eu pensava é se ele tentou me beijar à força na frente de uma câmera gravando com várias pessoas olhando, o que um indivíduo desse não é capaz de tentar fazer comigo sem uma câmera ali”, conta Aline em vídeo divulgado no YouTube de documentário feito para o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Bárbara Marina, do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Os casos de assédio, agressão verbal e ataques a mulheres dentro de seu local de trabalho prova que os homens ainda não apreenderam a respeitar o local de poder da mulher, sem rebaixá-la a um objeto sexual ou a apenas um objeto que não deveria estar naquele local. Outro caso recente ocorreu no mês de setembro em 2022, onde a jornalista Jéssica Dias foi assediada por um torcedor do Flamengo na entrada do Maracanã enquanto fazia uma transmissão para a ESPN.

Algo que aumentou sua ocorrência após Renata Silveira se tornar uma das narradoras regulares do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino são os ataques contra a atuação da jornalista durante os jogos. A narradora precisou desativar sua conta no X (antigo Twitter) para diminuir a quantidade de comentários odiosos que recebia apenas por ser uma mulher ocupando o espaço da narração, o pronunciamento pode ser visto na figura 17. Internautas insistem em comentar sobre desligar a televisão, mudar de canal ou boicotar a transmissão do jogo apenas para não ouvir uma mulher narrando, por exemplo “Se você fosse a voz do Brasil seríamos todos surdos”, outros exemplos são mostrados na figura 18.



Figura 17 - Recorte do X de Renata Silveira (Foto: Reprodução X, 28 jul. 2024)

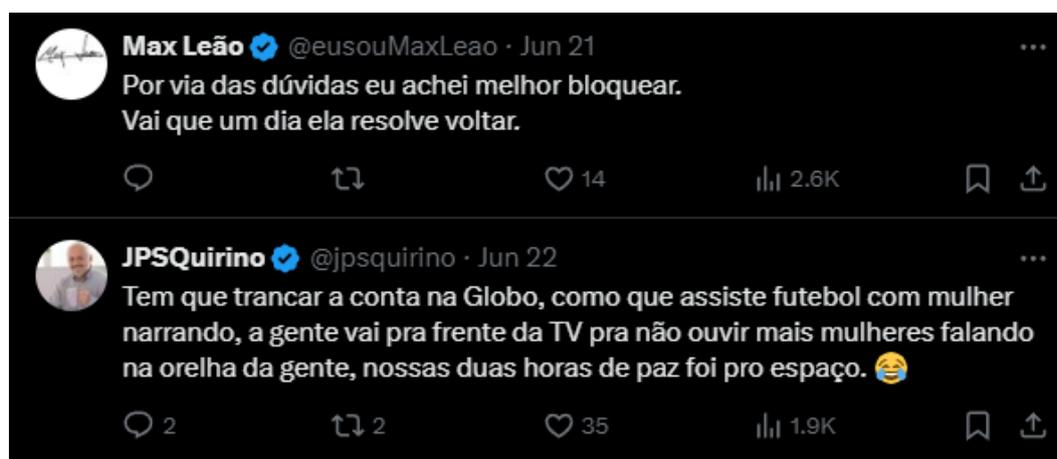


Figura 18 - Recorte dos comentários da postagem de despedida do X de Renata Silveira (Foto: Reprodução X, 28 jul. 2024)

No entanto, não são comentários ou atos de violência que impedem as jornalistas de realizarem seu trabalho. Grandes exemplos como Fernanda Gentil e a própria narradora Renata Silveira, além das equipes de transmissão dos principais canais de esportes sejam compostas, em grande parte, por mulheres mostram que a conquista feminina por espaço cresce com o passar das gerações. Entre as narradoras e repórteres selecionadas para cobrir os Jogos Olímpicos de Paris em 2024 pela SporTV estão as jornalistas Natalia Lara, Renata Silveira e Isabelly Moraes, e pela CazéTV estão as jornalistas Letícia Macedo, Isabelle Suarez, Dayana Natale, Juliana Yamaoka, Natalie Gedra, Isabela Pagliari e Bruna Dealtry.

Um dos maiores atos de retomada de narrativa feminina dentro do esporte está sendo com as mídias alternativas, onde mulheres podem contar a história de outras mulheres sob a perspectiva delas, como podemos observar nas mídias alternativas que possuem

conteúdo em diferentes formatos e em diferentes plataformas, conforme explicitado por EUGÊNIO, SOUZA E VIMIEIRO (2022, p. 5) “a vontade de contar/recontar a história do futebol feminino, [...] é possível através da tecnologia e da mídia alternativa”.

A mídia alternativa criada por mulheres e para mulheres tem destaque dentro dos perfis “Dibradoras” e “Joga pra elas”, alguns dos mais notórios dentre os demais, onde a cobertura de notícias esportivas é focada em modalidades onde mulheres são o destaque principal, seja nacionalmente ou internacionalmente. Entre as matérias, conteúdos e reportagens feitas pelas “Dibradoras” temos análises táticas dos jogos da seleção feminina, resumos sobre os jogos que aconteceram dentro das modalidades nos principais campeonatos do mundo, entrevistas exclusivas com outras mulheres e fatos históricos ligados aos esportes.

5. Considerações finais

A participação feminina dentro dos ambientes futebolísticos é inegável. Todas as funções imagináveis são ocupadas por mulheres, desde o comando de grandes times até estar por trás das lentes fotográficas e em frente das câmeras televisivas, além da arquibancada que rugem com vozes femininas. Enfim, a demonstração feita pela pesquisa é apenas uma parcela do que pode ser visto no dia a dia do esporte considerado identitário no Brasil, as concepções criadas no período do Estado Novo e os ideais machistas podem ainda estar existindo entre os locais de poder ocupados por mulheres e conseqüentemente fazem parte dos obstáculos enfrentados por elas, mas não são os únicos impeditivos para a participação delas nestes espaços e a cada vez que a porcentagem de mulheres sobe, mais apoio e incentivo existe para a atuação delas.

Em cumprimento ao objetivo proposto, foi observado que o destaque feminino na modalidade está crescendo e ao se tornar um produto rentável aos olhos da FIFA, está cada vez mais próximo de receber o mesmo incentivo financeiro e midiático que o time masculino recebe. Neste caso, o investimento se torna chave para a mudança na mentalidade ao provar que o esporte praticado por mulheres possui valor e qualidade, como foi possível ser observado nas conquistas dos times femininos da Espanha e Inglaterra após o investimento nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012. Desta forma, com a valorização do esporte e dos lugares ocupados por mulheres dentro do campo, o espaço midiático esportivo dará mais tempo de programação para o futebol de mulheres, suas praticantes e aquelas que comandam o jogo com os apitos, as decisões técnicas e de gestão, além daquelas que lutam para que ele seja visível em suas profissões, como jornalistas, narradoras e comentaristas. Da mesma forma, aquelas que participam de forma indireta como as torcedoras também poderão ter mais espaço nas arquibancadas sem ter medo de sofrerem qualquer tipo de assédio ao assistir as partidas.

A ressignificação do papel da mulher dentro dos espaços de futebol ainda é um processo que está em constante mudança no Brasil, conforme foram identificadas as principais dificuldades enfrentadas por elas nestes lugares. No entanto, lentamente é possível analisar a mudança do pensamento, baseado em ideais machistas, sendo mudada e algo que anteriormente era utilizado para diminuir as conquistas femininas dentro dos espaços de futebol começam a ser refutadas ao termos Marta como a atleta de futebol de mulheres com

mais prêmios do “Bola de Ouro” mundialmente, Leila Pereira como a primeira diretora de um clube profissional, jornalistas como Renata Silveira e Fernanda Gentil sendo destaques durante transmissões dos maiores campeonatos futebolísticos do mundo com seus comentários perspicazes e cheios de conhecimento, enquanto as torcedoras aumentam sua frequência dentro dos estádios sem serem assediadas ou discriminadas por estarem naquele ambiente.

Assim, é possível perceber que ter uma história de repressão que antecede a tomada dos espaços de poder pelas mulheres no futebol demonstra o poder da ancestralidade e como essas conquistas estão entrelaçadas com a construção das nossas antepassadas que lutavam para mostrar o quão poderiam evoluir, caso tivessem recebido o apoio necessário durante um período onde a possibilidade era apenas uma vontade e a tomada destes espaços era escassa. Um dos grandes exemplos disso é a forma como a Seleção Brasileira de Futebol Feminino se porta durante entrevistas e documentários feitos sobre a sua trajetória, onde todas sabem as chuteiras que estão preenchendo e como a história desse futebol ainda está se formando, como ainda terá uma evolução para chegarmos em um patamar que realmente mostre o potencial das jogadoras e toda a equipe ao redor delas.

Em conclusão, mesmo que as hierarquias de gênero dentro dos espaços futebolísticos do Brasil estejam em constante evolução é possível ter esperança de que estamos no caminho correto para a equidade e a igualdade das posições de poder nestes.

6. Referências

1923 – Os Camisas Negras «Vasco da Gama. Disponível em: <<https://vasco.com.br/conteudo/1923-os-camisas-negras/>>. Acesso em: 6 maio. 2024.

A história do futebol feminino nas Olimpíadas - Futebol Feminino em São José dos Campos. Disponível em: <<https://querojogarfutebolfeminino.com.br/a-historia-do-futebol-feminino-nas-olimpiadas/>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

AFS-USA. Brazil: Explore Brazilian Culture | Learn more AFS-USA. Disponível em: <<https://www.afsusa.org/countries/brazil/#:~:text=Brazilian%20culture%20delights%20the%20senses,grilled%20meat%20and%20fried%20pastries.>>. Acesso em: 10abr. 2023.

AGÊNCIA ESTADO. Repórter da ESPN é assediada em estádio e torcedor do Flamengo é detido. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2022/09/5035337-reporter-da-espn-e-assediada-em-estadio-e-torcedor-do-flamengo-e-detido.html>>. Acesso em: 4 fev. 2024.

ALVES, CAMILA; DUARTE, GIOVANA; TAURO, MAURO. “Ele se esfregou em mim”: técnico Kleiton Lima volta ao Santos em meio a nova denúncia de assédio. ge. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2024/04/12/ele-se-esfregou-em-mim-tecnico-kleiton-lima-volta-ao-santos-em-meio-a-nova-denuncia-de-assedio.ghtml>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

ANA LUIZA PEREIRA. Corinthians realiza a maior venda da história do futebol feminino brasileiro. CNN Brasil. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/corinthians/corinthians-realiza-a-maior-venda-da-historia-do-futebol-feminino-brasileiro/>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

AZENHA, Manuela. “Tapa na cara das mulheres”: ex-jogadoras e funcionárias do Santos repudiam retorno de treinador Kleiton Lima após denúncias de assédio sexual e moral. Marie Claire. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/violencia-de-genero/noticia/2024/04/jogadoras-funcionarias-santos-kleiton-lima-denuncias-assedio-sexual-moral.ghtml>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

AZENHA, MANUELA. “Tapa na cara das mulheres”: ex-jogadoras e funcionárias do Santos repudiam retorno de treinador Kleiton Lima após denúncias de assédio sexual e moral. Marie Claire. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/violencia-de-genero/noticia/2024/04/jogadoras-funcionarias-santos-kleiton-lima-denuncias-assedio-sexual-moral.ghtml>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

Broch, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. Temporalidades – Revista de História, v. 13, n. 1, p. 19-37, jan./jun. 2021. ISSN 1984-6150.

CARDIM, M.; Veja o que está por trás do batom usado por Marta na Copa da França. Disponível em: <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/batom-marta-copa-do-mundo-franca/>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

CLAUDIA. Testamos o novo batom da Avon usado por Marta na Copa Feminina de Futebol. CLAUDIA. Disponível em:

<https://claudia.abril.com.br/beleza/testamos-o-novo-batom-da-avon-usado-por-marta-na-copa-feminina-de-futebol#google_vignette>. Acesso em: 6 ago. 2024.

COSTA, LEDA MARIA DA. **O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol.** Esporte e Sociedade, Ano 2, n. 4, Nov. 2006/Fev. 2007.

DA REDAÇÃO. **CazéTV: Casimiro vai transmitir Copa do Mundo Feminina 2023 online; veja como assistir.** Exame.com. Disponível em: <<https://exame.com/esporte/cazetv-casimiro-vai-transmitir-copa-do-mundo-feminina-2023-veja-como-assistir/>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

DA REDAÇÃO. **Estêvão, Neymar, Denilson: confira as maiores vendas do futebol brasileiro.** Exame.com. Disponível em: <<https://exame.com/esporte/estevao-neymar-denilson-confira-as-maiores-vendas-do-futebol-brasileiro/>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

DE. **Primeira árbitra brasileira relembra oposição de Havelange a mulheres no futebol: “E quando menstruar?”** Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/noticia/2023/06/13/primeira-arbitra-brasileira-relembra-oposicao-de-havelange-a-mulheres-no-futebol-e-quando-menstruar.ghtml>>. Acesso em: 3 mar. 2024.

Dibradoras (@dibradoras) • Instagram photos and videos. Instagram.com. Disponível em: <<https://www.instagram.com/dibradoras/?hl=en>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

Dibradoras no Instagram. Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/B-2asjtnRTM/?hl=en>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

Em dia histórico, Leila Pereira convoca coletiva só com mulheres e anuncia renovação de Abel. SE Palmeiras. Disponível em: <<https://www.palmeiras.com.br/noticias/em-dia-historico-leila-pereira-convoca-coletiva-so-com-mulheres-e-anuncia-renovacao-de-abel/>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

FERNANDES, I. **Copa Feminina 2023 tem recorde de 12 mulheres como técnicas; saiba quem são.** Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/esportes/futebol/copa-do-mundo-feminina/2023/07/21/copa-feminina-2023-tem-recorde-de-12-mulheres-como-tecnicas-saiba-quem-sao.html>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

FLA TV. **#DeixaElaTrabalhar.** YouTube, 26 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=omrrIFeCTLQ>>. Acesso em: 4 fev. 2024

FURLAN, VALENTIN. **A equipe de narradores e comentaristas da CazéTV para a Eurocopa e a Olimpíada de Paris.** Goal.com. Disponível em: <<https://www.goal.com/br/listas/equipe-narradores-comentaristas-cazetv-eurocopa-olimpiada-paris/blt4b3075ffd652cd6d#cs64772ca4dae488b5>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

Galeria de Presidentes - Palmeiras. Disponível em: <<https://www.palmeiras.com.br/presidentes-historia/>>. Acesso em: 19 fev. 2024.

GERON, V. **Quando os times masculinos terão mulheres como técnicas ou diretoras?** Disponível em: <<https://onefootball.com/pt-br/noticias/quando-os-times-masculinos-terao-mulheres-como-tecnicas-ou-diretoras-30927525>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Gi Fernandes mira título para “manter hegemonia” do Brasil no Sul-Americano Sub-20 - Confederação Brasileira de Futebol. Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-base>>.

feminina/gi-fernandes-mira-titulo-para-manter-hegemonia-do-brasil-no-sul-americano-sub-20>. Acesso em: 28 jul. 2024.

GLOBOESPORTE.COM. **Após cinco anos no Manthiqueira, primeira técnica de SP deixa cargo.** ge. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/apos-cinco-anos-no-manthiqueira-primeira-tecnica-de-sp-deixa-cargo.ghtml>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

GOELLNER, S. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.** Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOELLNER, S. V. MULHER E ESPORTE NO BRASIL: ENTRE INCENTIVOS E INTERDIÇÕES ELAS FAZEM HISTÓRIA. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85–100, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v8i1.106. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/106>. Acesso em: 3 mar. 2024.

GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. **A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade.** *Revista USP*, São Paulo, n. 117, p. 31-38, abril/maio/junho 2018.

JANUÁRIO, SORAYA BARRETO. **Mulheres no campo – o ethos da torcedora pernambucana.** São Paulo: Fontenele Produções, 2019.

Lea Campos, a primeira árbitra - Google Arts & Culture. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/story/DAUxB6lADPSFKw?hl=pt-BR>>. Acesso em: 3 mar. 2024.

LOURO, GUACIRA LOPES. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Rio de Janeiro, Editora Vozes, p. 14-36,1997. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf>.

MAGRI, D. **Proibido há 80 anos por “prejudicar maternidade”, futebol feminino estreia Brasileirão histórico.** Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2021-04-17/proibido-por-80-anos-por-prejudicar-maternidade-futebol-feminino-estrela-brasileirao-historico.html>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

MARCO ZERO CONTEÚDO. **Torcidas organizadas por mulheres enfrentam o machismo nas arquibancadas nordestinas - Marco Zero Conteúdo.** Disponível em: <<https://marcozero.org/torcidas-organizadas-por-mulheres-enfrentam-o-machismo-nas-arquibancadas-nordestinas/>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

MARINA, BÁRBARA. **#DEIXAELATRABALHAR - A LUTA DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS CONTRA O ASSÉDIO.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=96AXmV0NMa4>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

MENDONÇA, R. **A técnica que foi impedida de estudar futebol e revelou a melhor do mundo.** Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/bbc/2017/10/26/a-tecnica-que-foi-impedida-de-estudar-futebol-e-revelou-a-melhor-do-mundo.htm>>. Acesso em: 14 maio. 2024.

MENDONÇA, RENATA. **1ª seleção feminina teve uniforme herdado dos homens e superação na Copa.** Uol.com.br. Disponível em:

<<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/01/07/1a-selecao-feminina-teve-uniforme-herdado-dos-homens-e-superacao-na-copa/>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

MENDONÇA, RENATA. **Brasil já teve gênio antes de Marta. E a rejeitou por um cabelo raspado - Dibradoras.** Dibradoras. Disponível em: <<https://dibradoras.com.br/2019/05/14/brasil-ja-teve-genio-antes-de-marta-e-a-rejeitou-por-um-cabelo-raspado/>>. Acesso em: 29 jul. 2024.

NATALE, DAYANA. **Técnicas de futebol: os desafios das mulheres à beira do campo.** AzMina. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/tecnicas-de-futebol-os-desafios-das-mulheres-a-beira-do-campo/>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

NINA, ROBERTA. **Brasil teve “só” duas camisas 10 em Olimpíadas: Sissi e Marta - Dibradoras.** Dibradoras. Disponível em: <<https://dibradoras.com.br/2021/07/18/selecao-brasileira-teve-so-duas-camisas-10-em-olimpiadas-sissi-e-marta/>>. Acesso em: 29 jul. 2024.

NUNES, MAÍRA. **Veja o uniforme feito exclusivamente para Seleção feminina pela 1ª vez.** Elas no ataque. Disponível em: <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/uniforme-exclusivo-selecao-brasileira-feminina/>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

OLIVEIRA, A.; OTTO, I. **A linha do tempo do feminismo no Brasil de 1827 a 2023.** Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/sociedade/a-linha-do-tempo-do-feminismo-no-brasil-de-1827-a-2023/>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

OS. **Há exatos 133 anos começava o Campeonato Inglês: veja quais são e onde estão os clubes fundadores | Blogs.** Disponível em: <https://www.espn.com.br/blogs/andredonke/797647_ha-exatos-133-anos-comecava-o-campeonato-ingles-veja-quais-sao-e-onde-estao-os-clubes-fundadores>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Perfil de Renata Silveira no X (antigo Twitter). Disponível em: <<https://x.com/renatasilveirag/status/1804204443602424300>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

PIRES, BREILLER. **Nilmara, a técnica que desafia o monopólio dos homens.** El País Brasil. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/08/deportes/1520482900_971448.html>. Acesso em: 28 jul. 2024.

Promotora espanhola pede dois anos e meio de prisão para Rubiales por beijo forçado em atleta. Terra. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/nos/promotoria-espanhola-pede-dois-anos-e-meio-de-prisao-para-rubiales-por-beijo-forcado-em-atleta,05ca7f661e79048cf0ac17b5294206cf6g19wi11.html>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

REDAÇÃO GOAL. **Quem é Tatiele Silveira, técnica que fez história no futebol feminino no Brasil?** Disponível em: <<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quem-e-tatiele-silveira-tecnica-que-fez-historia-no-futebol-feminino-no-brasil/z5qx46rw6bgy1xcmercjyste9>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

REDAÇÃO. **Leila Pereira exalta espaço na Seleção: “Primeira mulher chefe de delegação do futebol masculino”.** Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2024/03/18/leila-pereira-exalta-espaco-na-selecao-primeira-mulher-chefe-de-delegacao-do-futebol-masculino.ghtml>>. Acesso em: 7 maio. 2024.

REDAÇÃO. **Palmeiras anuncia técnica Camilla Orlando para o time feminino.** ge. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/campinas-e-regiao/futebol/futebol-feminino/noticia/2023/11/23/palmeiras-anuncia-tecnica-camilla-orlando-para-o-time-feminino.ghtml>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

Renata Silveira (@renatasilveirag) • Fotos e vídeos do Instagram. Instagram.com. Disponível em: <<https://www.instagram.com/renatasilveirag/>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

Rosana Augusto convoca Seleção Feminina Sub-20 nesta sexta-feira - Confederação Brasileira de Futebol. Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-base-feminina/rosana-augusto-convoca-selecao-feminina-sub-20-nesta-sexta-feira>>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SÁ, J. **Decreto-lei que proibiu a prática do futebol feminino completa 80 anos.** Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-da-pratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghtml>>. Acesso em: 3 jul. 2023.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. **"Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 303-311, abr./jun. 2016.

SANTOS. **"Ele se esfregou em mim": técnico Kleiton Lima volta ao Santos em meio a nova denúncia de assédio.** ge. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2024/04/12/ele-se-esfregou-em-mim-tecnico-kleiton-lima-volta-ao-santos-em-meio-a-nova-denuncia-de-assedio.ghtml>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

SANTOS. **Em cartas, jogadoras do Santos acusam técnico Kleiton Lima de assédios moral e sexual.** ge. Disponível em: <<https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2023/09/07/em-cartas-jogadoras-do-santos-acusam-tecnico-kleiton-lima-de-assedios-moral-e-sexual.ghtml>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

SANTOS; **Jogadoras do Corinthians protestam antes de clássico contra o Santos; veja o vídeo.** ge. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/2024/04/12/jogadoras-do-corinthians-protestam-antes-de-classico-contra-o-santos.ghtml>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

SCONTRE, MATHEUS. **Jogadoras do Corinthians fazem protesto em alusão às denúncias contra treinador do Santos.** Meu Timão. Disponível em: <<https://www.meutimao.com.br/noticias-do-corinthians/474799/jogadoras-do-corinthians-fazem-protesto-em-alusao-as-denuncias-contra-treinador-do-santos>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SOUZA, J.; KNIJNIK, J. **A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil.** Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.

SPORTV. **Vem com Elas. 2019. Série documental (4 episódios).** Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/vem-com-elas/t/GNxzKRdtwv/>>. Acesso em: 26 jul. 2024.

STØLEN T, CHAMARI K, CASTAGNA C, *et al.* Physiology of soccer. Sports Medicine. 2005; 35: 501-536

Thaissan Passos assume comando das Gurias Gremistas. Grêmio FBPA.
Disponível em: <<https://gremio.net/noticias/detalhes/27234/thaissan-passos-assume-comando-das-gurias-gremistas-#:~:text=O%20Gr%C3%AAmio%20Foot%2DBall%20Porto,t%C3%A9cnica%20da%20equipe%20principal%20feminina.>>. Acesso em: 28 jul. 2024.